



Nova compositora

Aos 81 anos, Íris de Carvalho estréia em disco num reconhecimento tardio

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Dona Íris Wells Thompson de Carvalho, 81 anos, anda mal das pernas, mas é capaz de dar uns passos e enfrentar as escadas em caracol do estúdio Eldorado, onde acompanha as gravações do seu primeiro disco — uma saladinha de valsas, canções populares e vãos eruditos da qual participam, na qualidade de intérpretes e instigadores desse *début* temporário, os músicos Moraes Moreira, Luiz Melodia, Gilberto Gil, Almir Satter, Déo Lopes, Paulinho Calazans, Sé Gomes, Capenga, Piau, Glauco, Pixu e a cantora Ná Ozzetti.

“Ela é, sem dúvida, a compositora de idade mais avançada que eu conheço”, comenta Ná Ozzetti, que emprestou sua voz límpida à valsa *Recordação*, com arranjos de Pixu. Dona Íris, professora primária aposentada, nunca tinha pisado num estúdio antes, mas deixou tanto Ná como os outros participantes das primeiras gravações completamente boquiabertos com o seu alto grau de profissionalismo. E de exigência: ouvidos apurados, deu até uma de João Gilberto ao detectar um ruído intermitente e quase imperceptível que vinha do hotel Jaraguá, vizinho do estúdio. Esperou até que ele cessasse e só então começou a gravar a base do LP de estréia.

Aguardava-a um digníssimo piano de cauda que, apesar de toda a sua potência, só a faz sentir ainda mais saudade do velho e bom Ronisch alemão da sala do elegante casarão estilo normando, no bairro do Brooklyn, onde vive com o filho mais novo, o

fotógrafo Mário Luiz, de 43 anos (foi Mário, aliás, um especialista em fotografia de shows e de capas de disco, quem a apresentou a toda essa trupe). É um piano sessentão que há três anos se dispôs a reativar. Contando com a memória de um gravadorzinho de pilha (agora inseparável), ela quis provar que ainda era capaz de repetir uma coisa que só havia feito uma vez na vida, aos 18 anos: compor.

O disco de dona Íris vai virar brinde natalino da produtora independente Bem-Te-Vi Arte Brasil e de uma instituição budista de São Paulo. Incentivada, inclusive, pelo maestro Júlio Medaglia, amigo da família, ela passou a sondar os músicos interessados em participar da gravação. O retorno foi tão positivo que dona Íris quase teve de colocar uma placa sobre o seu piano (a brincadeira é dela) com os dizeres: “não há mais vagas”.

Nascida em Campinas, a 100 quilômetros de São Paulo, mudou-se para a capital aos 14 anos com a família — o pai, que trabalhava no ramo de molduras de quadros, a mãe e os três irmãos. Notável pé-de-valsas nas reuniões dançantes conduzidas por Zequinha de Abreu nas casas abastadas de São Paulo do começo do século, ela se recorda que sofria muito quando o compositor do *Tico-tico no fubá* não comparecia: “não é por nada, mas nessas ocasiões eu tinha que substituí-lo ao piano e não podia dançar”, explica. Dona Íris foi colega de classe de Patrícia Galvão, a moderna e arrojada Pagu, no curso de literatura do Conservatório Musical de São Paulo. Foi também aluna de Mário de Andrade nesse conservatório.

A compositora, que também já foi artista plástica e participou da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, com um torso de bronze e arrancou elogios do escultor Victor Brechert), quer continuar compondo e escrevendo. Em 1972 perdeu o marido, o escrevente de cartório Mário, e no ano passado o filho caçula, o artista plástico Flávio, 36 anos. Admiradora de Chopin e Villa-Lobos e assídua leitora de manuais como *O poder do otimismo*, de Norman Peale, vai tocando a bola pra frente. Da mesma opinião do mestre Mário de Andrade, para quem “passadista é o ser que faz o papel de carro de bol numa estrada de asfalto”, dona Íris resume o seu momento de vida com um versinho singelo: “Piano, escultura e poesia/ Já abracei há algum tempo/ Mas quero fazer algum dia/ Coisas que nunca tento.” O que será que vem aí?

D. Íris Thompson (foto acima) foi colega de classe de Pagu e aluna de Mário de Andrade e, em festinhas, substituiu Zequinha de Abreu no piano. Chega agora ao disco na voz de cantores como Luiz Melodia (abaixo)

